

Líderes temem que união de Tasso e Ciro prejudique aliança nacional

Mas ex-ministro nega que acordo em Fortaleza seja embrião de coligação para 2002

CRISTIANE SAMARCO

BRASÍLIA – Na avaliação de líderes dos vários partidos aliados do Palácio do Planalto, vai muito além da preferência de Fortaleza a parceria do PSDB do governador do Ceará, Tasso Jereissati, com o PPS de Ciro Gomes. A aliança foi oficializada ontem, com o anúncio da chapa que traz o chefe de gabinete do governador, João Jaime, no posto de vice da candidata a prefeita Patrícia Gomes, ex-mulher de Ciro. Para esses líderes, a parceria põe em risco o projeto de continuidade da aliança que elegeu o presidente Fernando Henrique Cardoso.

Tucanos experientes não hesitam em apostar que esta união vai repetir-se pelo menos na disputa estadual. “A composição foi muito

bem recebida no Estado, até porque é considerada uma solução natural em Fortaleza”, afirma o senador Lúcio Alcântara (PSDB-CE). E acrescenta: “A impressão geral é de que Tasso e Ciro estarão juntos de novo, na eleição de governador”. Dirigentes nacionais do PFL concordam e temem que a união chegue até 2002 e acabe seduzindo o presidente do Senado, o pefelista Antonio Carlos Magalhães (BA).

Em Fortaleza, no lançamento da candidatura de Patrícia, Ciro

negou que a aliança PSDB-PPS seja um sinal para uma eventual coligação nacional na próxima eleição presidencial. “Não existe nada nesta direção”, disse. “O que há é o desdobramento de 14 anos de uma tarefa comum, que nos reúne num mesmo palanque”. Na eleição passada, ele disse que isso já ocorreu de “forma caricata”. “O Tasso apoiou o Fernando Henrique e eu próprio era candidato e apoiava o Tasso.”

Fernando Henrique evitou comentar o apoio de Tasso a Patrícia ontem. Por intermédio de seu porta-voz, Georges Lamazière, o presidente afirmou que não comentaria “questões municipais”.

ACM já defende publicamente a candidatura de Tasso para o Planalto, contra o nome que surge hoje com mais chance de crescimento no PFL:

o da governadora do Maranhão, Roseana Sarney. “Essa parceria Ciro-Tasso recoloca ACM no cenário da disputa nacional”, atesta um cardeal do PFL. Dirigentes do PSDB endossam a suspeita.

A amigos que insistem em sua candidatura a presidente, Tasso tem argumentado que não disputará com Ciro em hipótese alguma. Mais ainda, o governador salienta que não há como falar em desistência com um candidato que tem 20% da preferência do eleitorado nas pesquisas de opinião, como Ciro Gomes.

Segundo um dos vice-presidentes nacionais do PSDB – o deputado Alberto Goldman (SP) –, a oficialização da parceria só não teve repercussão maior no parti-

do porque o PSDB está desarticulado e não tem feito reuniões para discutir a política nacional.

Expectativa – Enquanto os aliados do Planalto trabalham para manter a coesão da base até a corrida presidencial de 2002, o PPS festeja a parceria no Ceará como mais um sinal de que vem aí uma nova frente de centro-esquerda. Na avaliação do líder do PPS no Senado, Paulo Hartung (ES), a aliança em Fortaleza dá destaque ao esforço que a dire-

ção nacional do partido está fazendo para construir a nova frente de centro-esquerda.

“Na visão do PPS, essa frente agrega o PSDB e setores expressivos do PMDB.” Hartung cita as parcerias em construção com o PMDB em várias cidades de Santa Catarina; com seu PSDB, em Vitória; com o PT, em Salvador e Curitiba; com o PSB, em São Paulo e Belo Horizonte, e com o PDT, em Porto Alegre. “Na nossa visão, essas forças podem ter, no pleito municipal, um grande

exercício de convivência respeitosa e de ação unificada”, insiste.

Não é o que pensa o líder do governo na Câmara, Arnaldo Madeira (PSDB-SP). O deputado insiste em que não há como transplantar para o cenário nacional parcerias determinadas por realidades locais. Nem mesmo no caso de as alianças envolverem líderes de expressão nacional, como Tasso e Ciro.

■ Colaboraram Rodolfo Spinola e Isabel Braga

ELEIÇÕES

